

# GEOGRAFIA, DESVIOS E DERIVAÇÕES: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A DISCIPLINA E A PRÁTICA EDUCATIVA.

Temízia C. Lopes Lessa<sup>1</sup>  
Fernando Luiz Araújo Sobrinho<sup>2</sup>

## RESUMO

A proposta desse trabalho é apresentar um estudo sobre o ensino de Geografia com base em uma reflexão acerca da prática educativa no contexto atual. A Geografia como ciência é constituída de teorias, conceitos e métodos referentes à problemática de seu objeto (o espaço), e como área de conhecimento corresponde ao conjunto de saberes da ciência geográfica transformados em conteúdos escolares a partir da seleção e da organização de temas considerados necessários à formação do educando. Diante do exposto, o ensino da Geografia gera a possibilidade de o educando estabelecer outros referenciais, ao mesmo tempo em que articula a leitura da palavra e a linguagem dos símbolos, o que pressupõe o domínio de conceitos que o auxiliam no conhecimento e na construção da realidade, tornando-o simultaneamente sujeito e autor de sua história. Nesse sentido, a Geografia tem um importante papel na formação do indivíduo, pois trabalha para o exercício da cidadania, em que o educando é visto como ator social, responsável pelo espaço em que vive. Assim, o grande objetivo das aulas de Geografia deve ser o de desenvolver o raciocínio geográfico desde as séries iniciais e estabelecer um canal que possibilite aos educandos apreender a realidade através da análise de dados informativos, de forma que o indivíduo compreenda que “o todo é mais importante do que saber tudo”.

**Palavras-chave:** Geografia. Ensino. Prática e disciplina.

## INTRODUÇÃO

A Geografia apresenta uma natureza multidirecional, uma vez que discorre sobre fenômenos econômicos, políticos e sociais. Isso se deve principalmente pelo interesse da ciência geográfica pelo espaço, que, conseqüentemente, traz para si a tarefa de projetar um saber construído na conexão natureza – cultura.

Esta ciência problematiza a questão espacial, além de compreender e explicar questões, socioambientais, tomando para si um repto de desenvolver um sistema de representações, bem como procedimentos e atitudes. Isso em interface com outras áreas de conhecimento que não sejam necessariamente científicas (FERREIRA, 2002).

---

<sup>1</sup> Mestranda em Geografia – Universidade de Brasília/UnB. E-mail: temizialessa@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Prof. Doutor do Departamento de Geografia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília/ UnB. E-mail: flasobrinho@unb.br

Segundo a mesma autora esta comunhão toma contornos díspares, que por sua vez, geram certa instabilidade para a Geografia. Foucault (1987, p. 23) acredita no princípio de uma unidade futura das formas de construção do saber:

Unidades definidas como indivíduos, obras, noções ou teorias. Assim também ocorre com as noções de desenvolvimento e evolução: Elas permitem reagrupar uma sucessão de acontecimentos dispersos; relacioná-los a um único e mesmo princípio organizador; submetê-los ao poder exemplar da vida (com seus jogos de adaptações, sua capacidade de inovação, a incessante correlação de seus diferentes elementos, seus sistemas de assimilação e de trocas); descobrir, já atuantes em cada começo, um princípio de coerência e o esboço de uma unidade futura.

Massey (2008, p. 29), por sua vez, defende a abordagem alternativa do espaço. Para ela, essa abordagem segue três vertentes. A primeira, em que reconhecemos o espaço como produto das inter-relações, construído através das interações – parte/todo. A segunda, o espaço compreendido como esfera das possibilidades da existência da multiplicidade, em que diferentes trajetórias coexistem – a esfera da heterogeneidade. E a terceira, o espaço em constante processo de construção/reconstrução. Enfim, pluralidade de trajetórias, uma simultaneidade de “estórias até agora” (MASSEY, 2008, p. 33).

Como recomenda Spósito (2004, p. 88), o ponto inicial para compreensão do espaço é a sua característica de homogeneidade e o ponto final seria a diferenciação espacial. Para ele, os conceitos caros ao estudo do pensamento geográfico, como espaço e tempo, precisam ser considerados em conjunto.

Santos (1996), por sua vez, afirma que o espaço merece toda a atenção do geógrafo, Assim, propõe o espaço como objeto da Geografia. Além de se preocupar com a interface espaço – tempo, completa: “para discutir o espaço é preciso, como ponto de partida, defini-lo como ‘um conjunto indissociável de sistemas de objetos e ações’” (SANTOS, 1996, p. 18).

Na visão de Spósito (2004, p. 90), a partir do estudo do espaço, é possível “reconhecer suas categorias analíticas internas, como a paisagem, a configuração territorial, a divisão territorial do trabalho, o espaço produzido e produtivo, bem como as formas – conteúdos”.

O espaço não é o somatório das percepções individuais, nem um resumo delas. Para Santos (2005), o espaço é objeto social. “O espaço impõe a cada coisa um conjunto de relações porque cada coisa ocupa certo lugar no espaço” (SANTOS, 2005, p. 128). Assim, paisagem, território, região e natureza só poderão ser estudados a partir do estudo do espaço.

A Geografia contemporânea apresenta estudos críticos dos seus princípios, bem como hipóteses e resultados. Esta seria uma modernização epistemológica do ponto de vista das

ciências humanas. Conforme sugere Foucault (1987), essa modernização segue um tripé – vida, trabalho e linguagem, que, segundo o autor, formam juntas o discurso científico da modernidade.

Partindo desse pressuposto, a Geografia é uma ciência que apresenta uma visão holística e coerente do mundo, no qual os fenômenos naturais e as relações homem – natureza, relação entre pessoas, pessoa – pensamento, sociedade – território e principalmente, pessoa – sociedade – transformação são articulados a partir de uma perspectiva contemporânea.

Claval (1999, p.12) assegura que “para acompanhar o movimento contemporâneo da reflexão epistemológica, é bom mostrar como surgiu, relembrar as concepções que critica, e ressaltar a sua lógica”.

Esse domínio de saber procura integrar natureza e cultura dentro de um campo de interação que possibilite ao ser humano a reflexão sobre as teorias dessa ciência, a leitura de conceitos por meio de uma representação político-cultural, que permita ao geógrafo tencionar o espaço, transcendendo o seu conteúdo epistemológico na tentativa de compreender a realidade.

Foucault (1987, p.11) assevera que “é preciso reduzir a um conceito operatório, que se utiliza, um elemento positivo que determina seu objeto e valida sua análise”. Ele sugere ainda:

A história de um conceito não é, de forma alguma, a de seu refinamento progressivo, de sua racionalidade continuamente crescente, de seu gradiente de abstração, mas de seus diversos campos de constituição e de validade, a de suas regras sucessivas de uso, a dos meios teóricos múltiplos em que foi realizada e concluída a sua elaboração (FOUCAULT, 1987, p. 5).

A Geografia não apresenta uma definição única e precisa, talvez por exibir uma abordagem ampla na busca do conhecimento do homem e do seu meio geográfico, que, para Ferreira (2002), é tema central de qualquer reflexão sobre Geografia.

## **2 O ENSINO NOS DIAS ATUAIS**

As intensas transformações políticas, econômicas, sociais e culturais ocorridas no mundo atual, desencadearam muitas modificações na sociedade. Isso faz com que o mundo educacional se realize em meio a incertezas.

Como propôs Soares (2006), esse processo de globalização/ modernização não realizou a ideia de cidadania livre e individualidade autônoma. Ao contrário da teoria, que colocava a escola no centro das ideias de justiça, distribuição de saberes, igualitaridade e,

principalmente, na criação de um sujeito livre, racional e autônomo – escola cidadã. Trabalhou, sim, a exploração, exclusão, alienação e a anomia, fenômenos sociais que refletem de forma mais direta no processo de ensino/aprendizagem, ilustrando os “grandes frutos” do novo tempo.

Daí a crítica permanentemente em mim à malvadez neoliberal, ao cinismo de sua ideologia fatalista e sua recusa inflexível ao sonho e à utopia [...] A ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal anda solta no mundo. Com ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos fazer contra a realidade social que, de histórica e cultural, passa a ser ou a virar quase natural. (FREIRE, 1996, p.14-19)

A pós-modernidade, por sua vez, comunga de ideias iluministas de que o progresso social pode ser realizado através do desenvolvimento científico e tecnológico. Porém, essa tem a cena histórica mutante, híbrida de identidades, sujeita a múltiplas globalizações, em que a imagem mediática alcança uma potência inusitada. Sendo, portanto, um contradiscurso à modernidade.

Trazendo consigo características determinantes, a pós-modernidade prega a acumulação, distinto padrão de produção-consumo, bem como um inventário de competência para as escolas. Dessa vez, propagando cooperação, iniciativa, flexibilidade, criatividade e empregabilidade.

A dicotomia do paradigma dominante traz como consequência, além da insegurança, as dúvidas culturais, as incertezas científicas e a degradação de algumas formas de conhecimento.<sup>3</sup> Confronta-se com diversas verdades organizacionais desconfortáveis, gerando grande “mal-estar”, ansiedade pessoal e busca pela autenticidade, causada principalmente pela procura psicológica. Isso devido à falta de apoios seguros, pois a condição pós-moderna apresenta mudança acelerada, obsessão com as aparências e falta de tempo para dedicar-se a si mesmo.

O mundo pós-moderno é marcado pelo fluxo intenso de serviços e, principalmente, de ideias e informações que acarretam mudanças também no trabalho docente, pois as instituições de ensino se veem obrigadas a se adaptar às novas tendências. Com isso, a escolarização e os métodos de ensino passam por uma crise contemporânea, tendo como mais grave reflexo a falta de sujeitos políticos e a perda do monopólio cultural. Esses são os resultados da implantação de ajustes econômicos como encolhimento e a precariedade do

---

<sup>3</sup> O termo “conhecimento” sugerido no texto é como propôs Arruda (2003). Para ele, toda menção de um novo conceito ou paradigma de conhecimento esbarra em fortes reações e sólidas resistências. Uma razão é que a crise civilizatória gera um grande sentimento de insegurança, uma vez que tende a abalar os próprios fundamentos do conhecimento estabelecido como verdadeiro até agora.

sistema estatal de bem-estar: o sucateamento e a deterioração da escola, a desvalorização do educador e a transformação das linguagens na linguagem dominante: mercado-consumo.

A partir dessa realidade, surge o questionamento: Como formar cidadãos conscientes, capazes de atuar no presente e construir o futuro? Soares (2006) sugere como resposta a este questionamento o uso da poesia. Afirma a autora: “É assertivo e criador uma alma de rebeldia, escavando e consumindo as estruturas do complexo ideológico escolar dominante”. Sugere ainda: “Além da poesia, pode-se destacar a forma jornalística como elemento crítico, uma vez que um gesto poético, pode se tornar um gesto político” (SOARES, 2006, p. 13).

Sendo a educação um processo dinâmico, qualquer tentativa de valorizar determinada técnica nos parece prejudicial, porque significa mais uma tentativa de estabelecer limites e valores, os quais poderão rapidamente, se transformar em mais uma regra didática: se não fizer assim, não está certo. (PINTO, 2003, p.8)

Partindo da realidade da educação e do ensino da Geografia na realidade brasileira, e com o objetivo de construir o ensino de uma Geografia viva e participante chega-se aos seguintes questionamentos: Qual o papel da Geografia nas escolas? A quem servem seus conteúdos e sua forma de ensinar? E qual o papel da escola na sociedade, formar sujeitos ou objetos da cultura? A maneira de ensinar engloba uma soma de conhecimentos, que, utilizados para orientar o estudo, resulta num processo de aprendizagem. E quanto mais adequada for esta orientação mais atuante será a aprendizagem e mais significativas serão as informações recebidas – paradigma emergente.

Sabendo que a Geografia é um dos meios mais importantes para a percepção do mundo, refletir sobre o ensino desta a partir da relação ação–objeto é unir essa percepção à leitura de conceitos através de uma representação político-cultural, que possibilita tanto ao educador quanto ao educando tencionar o espaço, transcendendo o seu conteúdo epistemológico, e refletir sobre as relações pessoa–pensamento e principalmente pessoa–sociedade–transformação.

O século XX viveu sob o domínio da pseudoracionalidade que presumia ser a única racionalidade, mas atrofiou a compreensão, a reflexão e a visão em longo prazo. Sua insuficiência para lidar com os problemas mais graves constitui um dos mais graves problemas da humanidade. (MORIN, 2003, p.45).

Compreender a diversidade de relações em sua dinâmica e suas especificidades é de fundamental importância, já que o espaço está em constante transformação, e esta é resultado

da ação humana. Tal como propôs Morin (2003, p. 45), “o conhecimento complexo condiciona uma política de civilização”.

Nicolescu (1999) colabora com Morin (2003) quando afirma que o crescimento sem precedente dos conhecimentos em nossa época torna legítima a questão da adaptação das mentalidades a estes saberes. “O desafio é grande, pois a expansão contínua da civilização de tipo ocidental por todo planeta torna sua queda equivalente a um incêndio planetário sem termo de comparação com as duas guerras mundiais” (NICOLESCU, 1999, p. 47).

## 2.1 E a Geografia com isso?

A relação entre a ciência geográfica e a disciplina geografia é intrincada uma vez que formam uma unidade, entretanto são diferentes. A Geografia enquanto ciência é constituída de teorias, conceitos e métodos referentes à problemática de seu objeto de estudo. Segundo Baulig (1948, p. 70):

A Geografia empenha-se em pensar as coisas e os acontecimentos terrestres em função da Terra, concebida não como um suporte inerte, mas como um ser dotado de uma atividade própria que comandou algumas vezes, que condiciona sempre aqueles seres que o povoam.

Nesse contexto, a Geografia, como disciplina escolar, oferece sua contribuição para que educandos e educadores enriqueçam suas representações sociais e seu conhecimento sobre as múltiplas dimensões da realidade social, natural e histórica, compreendendo melhor “o mundo em seu processo contínuo de transformação, o momento atual da chamada mundialização da economia” (PONTUSCHKA; PAGANELL; CACETE, 2007, p. 38). Uma vez que esta corresponde ao conjunto de saberes da ciência geográfica transformados em conteúdos escolares a partir de uma seleção e de uma organização de temas considerados como necessários à formação do educando (BRASIL, 1998).

Nas séries iniciais (ensino fundamental – primeiro ao quinto ano) a Geografia também apresenta uma função alfabetizadora. Tal como propôs Perez (1999, p. 30), “pensar o ensino da Geografia, a partir de sua função alfabetizadora, é articular a leitura do mundo e a leitura de palavra, na perspectiva de uma política cultural”. A autora refere-se à cultura como relação do homem com o seu meio.

Quando se aprende a ler e a escrever, se aprende principalmente a ler o mundo, a compreender o meio, a localizar-se no espaço social através da relação linguagem – vivência, porquanto a alfabetização ocorre no movimento constante entre a palavra e o mundo. “Do

ponto de vista da Geografia, podemos dizer que ler o mundo é ler o espaço: construção social e história da ação humana. Como instância da sociedade, o espaço é objeto da Geografia” (PEREZ, 1999, p. 31).

Para a autora, ler o mundo é estudar a sociedade, o processo de humanização do homem a partir do uso do território onde o homem se produz. Assim, é a produção da cultura que irá determinar o tipo de vida de determinado grupo social. Dessa forma, Perez (1999) caracteriza a Geografia como uma escrita existencial do homem no seu território.

Segundo Perez (1999, p. 32), “antes de aprender a ler e a escrever o ser humano começa a partir de uma compreensão mais abrangente do ato de ler o mundo”. Do ponto de vista geográfico, alfabetizar-se no “conteúdo do mundo” é perceber na natureza tecnicamente produzida as múltiplas faces do mundo em que estamos inseridos. Dessa forma, ler o mundo é entender o espaço, é apreender através da linguagem do mundo e representá-lo.

A função alfabetizadora proposta por Perez (1999) nas séries iniciais destaca o importante papel que a aquisição da noção de espaço e sua representação desempenham no desenvolvimento cognitivo da criança.

A noção de espaço é uma estrutura mental que se constrói ao longo do desenvolvimento – desde o nascimento da criança até a formalização de seu pensamento – através de um processo complexo e progressivo, que implica mediação constante do adulto que a cerca. (PEREZ, 1999, p. 32).

Assim, o ensino da Geografia gera a possibilidade de a criança estabelecer outros referenciais, ao mesmo tempo em que articula a leitura da palavra à linguagem dos símbolos, o que pressupõe o domínio de conceitos que a auxiliem no conhecimento e na construção da realidade, sendo ao mesmo tempo sujeito e autor de sua história.

Conforme registrado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) – Geografia (1998), muitas foram as discussões acerca da Geografia. Os debates em torno do objeto e dos métodos da Geografia como ciência no meio acadêmico tiveram repercussões no ensino fundamental. Essas mudanças foram positivas a partir do momento em que estimulou a inovação e produção de novos modelos didáticos. O grande problema está na incorporação das mudanças produzidas na academia, que provocou a produção de inúmeras propostas didáticas que são descartadas a cada inovação conceitual, uma vez que não existem ações concretas para atingir o professor em sala de aula. Isso faz com que prática do professor fique indefinida e confusa, assim como algumas propostas de ensino.

Nas propostas curriculares produzidas nos últimos tempos, a Geografia apresenta problemas tanto de ordem epistemológica quanto de pressupostos teóricos, principalmente ao

que se refere à escolha do conteúdo. Observa-se que os conteúdos fundamentais da disciplina são deixados de lado, uma grande perda, tendo em vista que são conceitos-chave na produção/construção do conhecimento geográfico, como as categorias de nação, território, lugar, paisagem e espaço (BRASIL, 1998).

Os modismos utilizados para sensibilizar os educandos para temáticas atuais não se preocupam de fato em promover a compreensão dos variados fatores, o que causa um “envelhecimento” rápido dos conteúdos. No PCN – Geografia consta atualmente uma preocupação com conteúdos conceituais em detrimento dos procedimentais, que ficam em segundo plano.

O objetivo do ensino fica restrito assim à aprendizagem de fenômenos e conceitos, desconsiderando a aprendizagem de procedimentos fundamentais para a compreensão dos métodos e explicações com os quais a Geografia trabalha. (BRASIL, 1998, p.107).

Nota-se ainda a separação da Geografia humana da Geografia física nas propostas pedagógicas, ou seja, em uma abordagem social, a natureza é mero acessório, o que dificulta a internalização do conteúdo trabalhado e o conseqüente aprendizado, uma vez que o educando não consegue relacionar a Geografia física à Geografia humana, como sugerem os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p.109): “A geografia estuda as relações entre o processo histórico que regula a formação das sociedades humanas e o funcionamento da natureza, por meio da leitura do espaço geográfico e da paisagem”.

Segundo Filizola (2009, p. 6), a Geografia como disciplina escolar ocupa-se em desenvolver nos educandos uma habilidade específica da ciência geográfica: o raciocínio geográfico.

O raciocínio geográfico diz respeito a uma maneira particular de olhar o mundo e interpretá-lo. Considerando a dimensão espacial da sociedade, o raciocínio geográfico favorece ou potencializa a capacidade de estabelecer relações, de articular com propriedade os diferentes níveis ou dimensões do espaço e, assim, permitir que o cidadão entenda o mundo a partir de seu lugar. (FILIZOLA, 2009, p. 6).

O ensino da Geografia possibilita uma compreensão mais abrangente da realidade, o que gera uma participação propositiva e consciente, ator-autor desta realidade.

Para tanto, é fundamental a aquisição de conhecimento, domínio de categorias, conceitos, procedimentos básicos em que a Geografia formula suas teorias. Desse modo, o educando compreende as relações socioculturais, a dinâmica da natureza, em que o homem é

o agente transformador, e, sobretudo aprende a utilizar a forma ímpar de pensar a realidade/atualidade através do conhecimento geográfico.

A disciplina Geografia corresponde à interseção de saberes desta ciência com outras que não são cadeiras no ensino fundamental, como a geologia, astronomia, economia, que são transformadas em conteúdos a partir de uma organização de conhecimentos julgados necessários para a formação integral do educando (BRASIL, 1998).

Para que esse processo ocorra de forma efetiva, são levados em conta os aspectos pedagógicos, epistemológicos, psicocognitivos e didáticos. Por essa razão, o educador/professor de Geografia precisa, além proceder à investigação relacionada ao saber geográfico, considerar a relação entre essa ciência e a sua organização para o ensino, não podendo deixar de lado a aprendizagem dos alunos conforme suas características físicas, afetivas, sociais, culturais e intelectuais.

O saber geográfico deve ser compreendido numa visão de totalidade, na qual as relações entre a sociedade e o meio ambiente formam um sistema integrado e em constante transformação. Para conhecer o todo é necessário analisar as partes que o compõem, reconhecendo seus aspectos – econômico, social, político, histórico e natural, bem como a integração desses elementos entre si e com o todo. Para isso, é importante entender que as relações se estabelecem em espaços e tempos distintos, em situações de reflexão, análise e síntese (SOURIENT; RUDEK; OLSZEWSKI, 2002, p. 5).

Considera-se, assim, a Geografia como uma área de conhecimento que deve levar os alunos a compreenderem de forma mais ampla a realidade, possibilitando que nela interfiram de maneira mais consciente e propositiva. Para tanto, porém, é preciso que eles adquiram conhecimentos, dominem categorias, conceitos e procedimentos básicos com os quais este campo do conhecimento opera e constitui suas teorias e explicações, de modo a poder não apenas compreender as relações socioculturais e o funcionamento da natureza às quais historicamente pertence, mas também conhecer e saber utilizar uma forma singular de pensar sobre a realidade: o conhecimento geográfico. (BRASIL, 1998, p.108).

Dessa forma, a Geografia resgata seu papel fundamental na formação do educando, pois trabalha para o exercício da cidadania, em que ele é visto como ator social, responsável pelo espaço em que vive. Nesse ínterim, cabe ressaltar que o espaço, objeto de estudo da Geografia, está em constante transformação, pois é o resultado da ação humana na superfície terrestre. Assim, apreender o espaço geográfico, analisar como ele foi construído e transformado continuamente; observar sua produção dentro de um contexto histórico; refletir como os elementos desse espaço estão relacionados; compreender o espaço como resultado da

ação humana são os objetivos do ensino da geografia (SOURIENT; RUDEK; OLSZEWSKI, 2002, p. 6).

O principal objetivo das aulas de Geografia deve ser o de desenvolver o raciocínio geográfico por meio do estudo de informações sobre a realidade, desde as séries iniciais. Para Azambuja (1998, p. 6), é necessário que a Geografia seja um canal que possibilite aos educandos perceber motivos humanos na análise de dados informativos e compreender que “o todo é mais importante do que saber tudo”.

Construir o domínio dos conceitos e das habilidades referenciadas nessa área do conhecimento é questão central para uma prática de ensino-aprendizagem que pretenda desenvolver a capacidade de interpretação da realidade. Eis a finalidade da Geografia Escolar, colocada na perspectiva de não apenas repassar informações [...], mas desafiada a ensinar o ato de pesquisar. (AZAMBUJA, 1998, p. 6).

Ademais, a prática de ensino em Geografia busca pesquisar a diversidade em lugares e tempos distintos. Dessa forma, o trabalho geográfico apresenta uma referência nos conceitos de paisagem, território, espaço, lugar e região. Essas palavras ganham maior significado na linguagem geográfica, uma vez que produzem uma ideia de “concreticidade”. Nesse sentido, é imprescindível definir um recorte espacial que irá corroborar a melhor análise e interpretação da realidade estudada. Dessa forma, a identidade territorial das relações, do movimento da sociedade e da natureza define o enfoque geográfico de interpretação da realidade (AZAMBUJA, 1998, p. 6).

A ciência geográfica possibilita a leitura da realidade a partir da dimensão socioespacial, como propôs Santo (1979, p. 19):

Como podemos esquecer por tanto tempo esta inseparabilidade das realidades e das noções de sociedade e de espaço inerentes à categoria da formação social? Só o atraso teórico conhecido por essas duas noções pode explicar que não se tenha procurado reuni-las num conceito único. Não se pode falar de uma lei separada da evolução das formações espaciais. De fato, é de formação socioespacial que se trata.

É por meio dos conceitos geográficos que se chega à leitura real dos acontecimentos. Cabe ressaltar que é com o estudo dos conteúdos escolares que os educandos se apropriam das linguagens conceituais específicas de cada área de conhecimento. Aqui surge a ideia de conteúdos organizados e selecionados que emergem a partir de temáticas propostas pela ciência e pela realidade sociocultural de educandos e educadores, que, por sua vez, permitirão a leitura e a capacitação daqueles para melhor compreender o seu papel no mundo.

A grande abrangência de temas da Geografia para o estudo dos lugares possibilita especializações no campo desta ciência, o que não quer dizer que exista segmentação no conhecimento geográfico, mas necessidade de priorizar enfoques diferenciados acerca das diversas temáticas ou áreas de estudo da Geografia, uma vez que estas direcionam os conteúdos escolares.

Por essa razão, é fundamental aproximar as realidades local, regional, nacional e também mundial. Para tanto, é necessário que o professor reelabore essas temáticas a partir da realidade socioespacial do grupo de educandos. Os conteúdos e as atividades pedagógicas constroem-se mutuamente através do processo didático em toda sua dinâmica, que vai desde a organização do material, escolha do livro didático, às atividades de campo – com a finalidade de observar e colher informações.

Dessa forma, a Geografia demonstra por meio do processo de ensino e aprendizagem que a sua contribuição se dá a partir da união de interesses e da possibilidade de ruptura com antigos conceitos, o que é fundamental para compreender de forma mais clara as transformações e mudanças fundamentais para a construção de uma visão própria acerca da sociedade.

## **2.2 Que Geografia ensinar?**

Os pressupostos teórico-geográficos mudaram ao longo da história, assim como as transformações da prática pedagógica também não ocorreram da noite para o dia. Para o educador comprometido isso significa reflexão, análise e avaliação dos instrumentos e da prática educativa. A ciência geográfica deve contribuir para que o educando compreenda o mundo no qual está inserido. Isso se dá com a instrumentalização para a leitura, ampliação das habilidades do estudante, o desenvolvimento da autonomia, observação, argumentação, comparação, problematização e representação (SOURIENT; RUDEK; OLSZEWSKI, 2002, p. 6-7).

É importante ressaltar ainda que a prática educativa só irá permitir que o educando adquira tais habilidades se os conteúdos forem significativos e adequados às diversas formas de aprender, que são individuais. Por meio de conteúdos significativos, é possível desenvolver capacidades motoras, afetivas e interpessoais, assim como a inserção social. Esses conteúdos podem ser classificados em conceituais, procedimentais e atitudinais.

A aprendizagem de conteúdos conceituais requer clareza daquilo que deve ser ensinado. Eles devem ser significativos, com possibilidade de ampliar e aprofundar o

conhecimento já adquirido, e devem ser trabalhados de forma contextualizada, para que o educando possa estabelecer relações entre conteúdos geográficos e destes com os de outras áreas do conhecimento. O conceito não é para ser decorado, mas para ser compreendido e utilizado em interpretações ou no conhecimento de novas ideias. (SOURIENT; RUDEK; OLSZEWSKI, 2002, p. 7).

Segundo (Pinto, 1997), o importante no saber geográfico é compreender o sentido atual da geografia, desenvolvendo na prática educativa um trabalho de aprimoramento, reformulando conceitos, sempre que necessário, baseados em experiências que tenham apresentado resultados satisfatórios. Todavia, a imitação puramente mecânica deve ser evitada, uma vez que cabe ao educador pesquisar os meios que melhor se adaptem às condições locais, bem como elaborar um plano de trabalho que melhor convenha às atitudes e aspirações específicas do grupo de educandos.

O que nos faz humanos é que nós interagimos conectivamente e cognitivamente com nós mesmos, com os outros de nossas vidas e com a vida de nosso mundo. E em cada um desses círculos conectivos e cognitivos de intercomunicação, ou entre dois ou três deles ao mesmo tempo, nós ‘introcamos’ saberes e sentimentos, sensibilidades e significados, sensações e sociabilidades (nosso poder de construir nossos próprios mundos de vida). E, assim sendo, mutuamente nos ensinamos e aprendemos. Não somos humanos porque somos racionais. Somos racionais porque somos aprendizes. Não apenas aprendemos, mas estamos sempre reinventando nosso saber através de novas aprendizagens. Sobrevivemos porque nunca deixamos de aprender. (BRANDÃO, 2005, p. 98).

Trabalhar os conteúdos procedimentais significa incluir regras, técnicas, métodos, habilidades e estratégias no desenvolvimento do trabalho pedagógico. Atividades de leitura, observação, experimentação, desenho, classificação, analogia e síntese são exemplos de trabalho com conteúdos procedimentais (SOURIENT; RUDEK; OLSZEWSKI, 2002, p. 7).

Já os conceitos atitudinais referem-se à formação de valores (educação para a vida), atitudes e normas. Isso significa trabalhar para a formação integral do educando, desde os valores como princípios éticos de solidariedade, justiça, liberdade e cidadania. Partindo dessa premissa, aprender Geografia significa ter a possibilidade de utilizar os conteúdos em outros contextos, para soluções de problemas por meio de atividades que despertem a curiosidade e incentivem a capacidade investigativa.

Nas lições de Pinto (1967, p. 64), o ensino de Geografia envolve basicamente dois métodos distintos: os que se fundamentam na observação direta, que abrange todas as atividades de campo; e os de observação indireta, que correspondem às investigações baseadas na pesquisa bibliográfica e/ou documental.

A observação direta compreende três pontos principais – observação, descrição e interpretação. Com esse método, os educandos aprendem a observar os fatos com precisão. Além disso, a pesquisa revela diferenças notáveis, como ambientes geográficos diferentes. A observação indireta, por sua vez, é o trabalho realizado em sala de aula, que deve proporcionar as condições necessárias para o perfeito trabalho “na natureza”, que, segundo, Pinto (1967, p. 66), trata-se de desenvolver a percepção para as relações geográficas, através de mapas, gravuras, textos, ou dados estatísticos. É importante ressaltar que esses recursos combinados são igualmente empregados quando o objetivo é levar o aluno a aprender a tirar suas próprias conclusões sobre áreas que não podem ser observadas diretamente, devido à localização geográfica.

Pinto (1967, p. 66) lembra ainda que não importa a região ou o tema geográfico tratado, nem o método utilizado. O importante é não esquecer que o ensino de Geografia deve ser baseado em quatro princípios fundamentais:

**1º – A Geografia estuda essencialmente os fenômenos visíveis:** a Geografia descreve os aspectos reais e atuais da superfície da Terra. Interessa-se também por fatores ‘invisíveis’ – psicológicos, políticos e religiosos – na medida em que explicam fatos visíveis.

**2º – A Geografia se preocupa constantemente com a localização e a extensão dos fenômenos que estuda:** primeiro porque uma de suas tarefas consiste em ‘cartografar’ o mundo e, segundo, porque nesta análise de localização dos fatos surgem os problemas e os elementos de explicação.

**3º – A Geografia estuda com especial cuidado as relações entre fenômenos e em particular, as relações entre fenômenos que pertencem a diferentes categorias:** sem inclinar-se a favor ou contra o determinismo, a Geografia analisa o jogo de influências recíprocas das condições naturais e dos grupos humanos.

**4º - A Geografia deve apresentar-se nos diferentes níveis de ensino de uma única maneira:** isto é, como uma ciência atual e prática, como uma ciência aplicada (PINTO, 1967, p.66, grifo)

A Geografia é uma ciência que compartilha da área tanto das ciências físico-naturais como das humanas ou sociais. Embora seja predominantemente ciência social, no momento em que estuda as relações entre o homem e a natureza, ou o processo de apropriação e de organização do espaço natural pela sociedade, ela se vincula consideravelmente aos saberes voltados para o conhecimento da natureza. E mais recentemente, que passou a haver grande preocupação com a preservação do meio ambiente, cada vez mais a Geografia se aproxima da Biologia, da Física, da Química e de outras áreas de conhecimento.

Nos PCNs (1998), a Geografia é descrita como uma área de conhecimento comprometida em tornar o mundo compreensível aos educandos. Neste sentido, o saber geográfico abarca preocupações consideráveis e emergenciais no que se refere à conquista da

cidadania, uma vez que proporciona aos educandos a possibilidade de compreenderem sua própria posição na relação sociedade – natureza.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Geografia tem um papel fundamental na formação do educando, pois trabalha para o exercício da cidadania, na medida em que o educando é visto como ator social, responsável pelo espaço em que vive. Como disciplina escolar, a Geografia auxilia na apreensão do espaço geográfico, permitindo que o sujeito entenda como ele foi construído e transformado continuamente, além de corroborar a observação dentro de um contexto histórico. Também ajuda o educando a refletir como os elementos desse espaço estão relacionados, para que possa compreender o espaço como resultado da ação humana.

Assim, o grande objetivo das aulas de Geografia deve ser o de desenvolver o raciocínio geográfico do estudo de informações sobre a realidade, desde as séries iniciais, uma vez que a Geografia pode ser um canal que permita aos educandos apreender a realidade a partir da análise de dados informativos, de modo que o indivíduo compreenda que “o todo é mais importante do que saber tudo”.

Nesse sentido, o ensino da Geografia possibilita uma compreensão mais abrangente da realidade, o que gera uma participação propositiva e consciente, ator-autor dessa realidade. Porém, para que essa compreensão se dê de forma efetiva, é fundamental a aquisição de conhecimento, domínio de categorias, conceitos, procedimentos básicos que a Geografia formula suas teorias. Assim, o educando irá compreender as relações socioculturais, a dinâmica da natureza, em que o homem é o agente transformador, e, sobretudo, utilizar a forma ímpar de pensar a realidade/ atualidade através do conhecimento geográfico.

## **GEOGRAPHY, DEVIATION AND LEADS: some reflections on the discipline and educational practice**

### **ABSTRACT**

The purpose of this paper is to present a study on teaching geography through a reflection on educational practice in the current context. Since geography as a science consists of theories, concepts and methods relating to the issue of its object of study. And geography as a field of knowledge, represents the set of geographical knowledge of science transformed into classroom content from a selection and organization of topics deemed necessary for the

formation of the student. Given the above, the teaching of geography creates the possibility of establishing other benchmarks the student, while it is articulated reading of the word, the language of symbols which requires mastery of concepts that assist in the construction of knowledge and reality, being both subject and author of its history. In this sense, geography has an important role in shaping the individual, because it works for the exercise of citizenship, where the learner is seen as a social actor, responsible for living space. Thus, the broad goal of geography lessons should be to develop geographical thinking through the study of information about reality, from the initial series and, as a discipline, that geography is a channel that allows students to understand human motives in informative data analysis, where the individual understands that "the whole is more important than knowing everything."

**Keywords:** Geography, Teaching, Practice and discipline.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, Marcos. Humanizar o infra-humano – a formação do ser humano integral: O homo evolutivo, praxi e economia solidária. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2003.

AZAMBUJA, Leonardo D de. **Educação em geografia:** aprender a pensar através da geografia. Ed. Unijuí, Ano 4, n. 25, abr./jun. 1998. p.5-11.

BAULIG, H. A geografia é uma ciência? In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). Perspectivas da geografia. São Paulo: Difel, 1982. p. 59-70.

BRANDÃO, Carlos R. **A canção das sete cores:** educando para a paz. São Paulo: Contexto, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** geografia. (5.a a 8.a séries). Brasília: MEC/SEF, 1998. 156 p.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros curriculares nacionais:** história. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CALLAI, Helena C. **O mapa na sala de aula.** Ano 2, n. 6, out./ dez. Porto Alegre: Unijuí, 1998. p.11-18.

CARVALHO. Márcia S. de. **A geografia desconhecida.** Londrina: Eduel, 1996.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural.** Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

FERREIRA, Ignez C. A visão geográfica do espaço do homem. Brasília, 2002. Mimeo.

FILIZOLA, Roberto. **Didática da geografia:** proposições metodológicas e conteúdos entrelaçados com a avaliação. Curitiba: Base Editorial, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LARAIA, Roque de B. **Cultura:** um conceito antropológico. 17. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

- MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MORAES, Antônio Carlos R. **A gênese da geografia moderna**. São Paulo: Hucitec, 1989.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 8. ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: Unesco, 2003.
- NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Trion, 2003.
- OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. Educação e ensino de geografia na realidade brasileira. **Jornal Desalambar**, n. 6, AGB/ DF, Brasília, mai. 1987. p. 4-6.
- PEREZ, Carmem Lúcia V. Ler o espaço para compreender o mundo: a função alfabetizadora da geografia. **Revista Presença Pedagógica**. Belo Horizonte: Dimensão, v. 5, n. 28, jul./ago. 1999.
- PINTO, Maria Magdalena V. **Conceitos sobre o ensino de geografia**. In: Brasil, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Fundação IBGE. Curso de férias para professores de ensino médio. Janeiro, 1968.
- PONTUSCHKA, Nídia N.; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (Orgs.). **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 331-342.
- PONTUSCHKA, Nídia N.; PAGANELLI, Tomoko I. CACETE, Núria H. **Para ensinar e aprender geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.
- RONCA, Paulo Afonso C.; GONÇALVES, Paulo Carlos L. **A clara e a gema – o viver na escola e a formação de valores**. São Paulo: Edesplan, 1998.
- SANTOS, Milton A. **Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método**. Petrópolis: Vozes, 1979 (2. ed.: 1982).
- \_\_\_\_\_. A. **Sociedade e espaço. A formação social como teoria e como método**. In: SANTOS, Milton A. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.
- SOARES, Maria Lúcia de Amorim. Reinventando o Ensino de Geografia. In: PONTUSCHKA, Nídia N.; OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. (Orgs.). **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 331-342
- SOURIENT, Lílian; RUDEK, Roseni; OLSZEWSKI, Kátia M. P. **Geografia em foco: o mundo em transformação**. São Paulo: Editora do Brasil, 2002.
- SPÓSITO, Eliseu S. **Geografia e filosofia**. São Paulo: Unesp, 2004.

Artigo recebido para avaliação em 15/05/2013 e aceito para publicação em 29/07/2013.